

“#IN BRAZILIAN PORTUGUESE”, MEMES E FENÔMENOS: LINGUÍSTICA E AS SUGESTÕES PARA RECONHECER E INVESTIGAR EVENTOS DIGITAIS*

Jaime de Souza Júnior** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)

RESUMO: Neste trabalho, orientados por uma perspectiva da Linguística (HALLIDAY, 1987; KRESS; VAN LEEUWEN, 2000; SOUZA JÚNIOR, 2015a), apresentamos, de maneira sucinta, aos leitores menos familiarizados (sejam estes estudiosos da linguagem, profissionais de áreas correlatas ou professores dos diversos estágios educacionais) algumas sugestões teórico-metodológicas e termos-chave relevantes para pesquisas voltadas ao estudo de aspectos da linguagem, no sentido de que, a partir de investigações da referida natureza, como já se faz em estudos de orientação comunicacional (RECUERO, 2006), ou memética (TYLER, 2011, 2013), se possa proceder ao reconhecimento e à investigação da propagação de *eventos digitais*, tais como o *fenômeno de memes* “#In Brazilian Portuguese” – difundido majoritariamente através da rede social *Twitter.com*, em fevereiro de 2015.

PALAVRAS-CHAVE: Memética. Mídias Sociais/Digitais. Linguística. Marketing Viral. Memes da Internet e Ensino

INTRODUÇÃO

No presente artigo, procuramos oferecer algumas sugestões a pesquisadores ligados aos estudos da linguagem, no sentido de que os mesmos possam contar com um instrumental teórico-metodológico a fim de identificar e investigar a propagação de eventos digitais que, frequentemente, têm ganhado a *Web*, como, por exemplo, o evento digital “#In Brazilian Portuguese”. Assim sendo, objetivamos que, partindo dessas sugestões, tal identificação e investigação sejam possibilitadas via estudos que sejam oriundos da Linguística, e não majoritariamente orientadas por questões levantadas em estudos de base comunicacional (RECUERO, 2006), conforme alerta Souza Júnior (2015a), ou que obedeçam, irrefletidamente, a preceitos da Teoria Memética (DAWKINS, 1979, 1982; DENNETT, 1995; BLACKMORE, 1999, 2002; TYLER, 2011, 2013), como Leal-Toledo (2013) e Souza Júnior (2015a) pontuam.

1. CAIU NA REDE É PEIXE, É ‘MEME’ OU SÃO ‘MEMES’?

Quando uma grande quantidade de itens difundidos ‘domina’ a *Web* – i.e. expressões iniciadas com *hashtags*(#), imagens editadas ou legendadas, vídeos, *gifs* (grosso modo, figuras com movimento) ou perfis assumindo identidades de famosos ou anônimos –, a grande mídia, *sites* de notícias e *blogs* se apressam em determinar que surgiu um novo “meme”. A necessidade de registrar o aparecimento do evento (que pode levar poucas horas ou anos para desaparecer), associada ao uso indiscriminado e, em efeito dominó, do termo *meme* acabaram por ressignificar o conceito daquilo que o biólogo evolucionista Richard Dawkins (1979), no último capítulo de seu livro “The Selfish Gene”, chamara de “irmão não-biológico do gene” ou o “gene da cultura”.

Para Dawkins (1979, 1982), dizer que um meme é o *gene da cultura* implica conceber que uma ideia ou informação é replicada majoritariamente de maneira homogênea, tendo os cérebros – e somente eles – como seus únicos artefatos de transmissão. Por exemplo, computadores, textos ou palavras não teriam esse poder, conforme concepções do autor (1982). Ademais, o meme seria uma ideia ou informação que se replica apresentando três características básicas: “fidelidade” (um meme se mantém fiel à ideia que o originou); “fecundidade” (um meme é replicado de diversas formas ou modos de construção); e “longevidade” (um meme deve durar por algum tempo).

*Trabalho submetido ao XII EVIDOSOL e IX CILTEC-Online - junho/2015 - <http://evidosol.textolivre.org>.

**Mestre em Letras com ênfase em Linguística (Uerj). E-mail: souzajuniorprof@gmail.com

Tyler (2013), apresentando a corrente memética do *informacionalismo*, defende que os memes possam existir tanto *dentro das nossas mentes* (concepção memética do *internalismo*) quanto *fora destas* (perspectiva memética do *externalismo*). O autor (2013) se baseia em posicionamento encontrado em Daniel Dennett (1995), o qual diverge de Dawkins (1979, 1982) quanto à exclusividade dos cérebros na capacidade de transmissão de um meme.

Assim, Dennett (1995, p. 347-348) argumenta que os cérebros, sozinhos, não seriam capazes de dar conta da replicação dos memes. O filósofo (1995, p. 347) acrescenta ainda que computadores, textos ou palavras teriam o poder de transmitir memes; defendendo, também, que essa transmissão não se daria majoritariamente de forma homogênea, porque, em contraposição à característica de *fidelidade*, um meme poderia evoluir baseando-se no critério de “design”, alterando-se o padrão original das ideias a serem repassadas adiante. Haveria padrões de propagação coexistentes no processo de disseminação de um meme, portanto.

Para Susan Blackmore (1999, 2002) – “(...) considerada por Dawkins e Dennett a principal defensora da Memética”, de acordo com Leal-Toledo (2013, p. 182) –, do ponto de vista da composição, o que se propaga na Rede é muito mais que um único meme de Dawkins (1979, 1982). Para a autora (2002), na Internet, esse processo de propagação se desenvolve originado por um *conjunto ou complexo de memes* – i.e. um *memeplexo*.

No âmbito dos estudos locais, Raquel Recuero (2006), orientada por uma perspectiva majoritariamente comunicacional, apresentou um modelo de transdução daquilo que Dawkins (1979) chamou de *meme*, assumindo, conseqüentemente, o posicionamento epistemológico desse autor (1979). Para investigar memes no domínio *online*, a autora (2006) aplicou os três critérios de identificação de um *meme offline* propostos por Dawkins (1979) – i.e. *fidelidade*, *fecundidade* e *longevidade* –, acrescentando um critério comunicacional de identificação chamado de *alcance* (memes, na *Web*, podem percorrer espaços locais ou globais).

Por fim, no âmbito dos estudos oriundos da Linguística, Souza Júnior (2015a) expande a proposta de Recuero (2006), adotando o posicionamento epistemológico de Dennett (1995), Blackmore (2002) e Tyler (2011, 2013). Nesse sentido, o pesquisador (2015a) entende os memes da Internet como sendo uma expansão conceitual e composicional do meme de Dawkins (1979, 1982). Dessa maneira, para o autor (2015a), os memes da Internet seriam um *composto de práticas* (de produção e distribuição de linguagem, e de produção e distribuição por mídia) que passam a ser propagadas como complexos ou conjuntos de memes da Internet, podendo esses complexos ou conjuntos ser de natureza tanto (multi)midiática (PALÁCIOS, 2004; SALAVERRÍA, 2002) quanto multimodal (HALLIDAY, 1987; KRESS; VAN LEEUWEN, 2000). Além de esse memeplexo apresentar, sabidamente, aspectos constitutivos de natureza memética (*fidelidade/design; fecundidade; longevidade*), Souza Júnior (2015a) corrobora o princípio de *alcance midiático* (RECUERO, 2006), e sugere dois princípios para lidar com a análise linguística da propagação de fenômenos de memes da Internet: “*funcionalidade*” (a evolução de um grupo de memes pode ser constatada pelos diferentes *propósitos* que estes podem expressar) e “*alcance linguístico*” (a evolução de um conjunto de memes pode ser analisada pelos diversos itens – animados/ inanimados? – que sua propagação venha a abordar; e, também, por meio de que idioma – nativo ou estrangeiro? – esse processo aborda os internautas).

A análise do autor (2015a), apoiada no que ele chama de *abordagem integradora*, parte, em primeiro lugar, de uma *dimensão interna e composicional* – os modos de construção das práticas linguístico-midiáticas (o conjunto de memes da Internet) encapsuladas em itens ou “unidades de propagação” (SOUZA JÚNIOR, 2015a, p. 46-55). Essas unidades podem ser: expressões, imagens, vídeos, *gifs* ou perfis meméticos. Em segundo lugar, tal análise migra para uma *dimensão externa e relacional* – i.e. como, para o que/ quem essas referidas *unidades* ou itens são distribuídos/direcionados, e que relações emergem no processo de propagação desses elementos.

Na dimensão externa, a análise se foca nos *eventos digitais* e na distinção de seus tipos. A imprensa, em geral, aparenta não conseguir definir, precisamente, se esses referidos eventos evoluem como: a) um *fenômeno viral* (disseminando-se sem gerar cópias, somente visualizações); b) um *fenômeno memético da Internet* (unidades de propagação sendo

propaladas de diferentes fontes/espacos, fazendo emergir um evento tanto através de cópias – idênticas ou não – como de visualizações); c) um *movimento digital* (sua difusão ocorre mais atrelada à quantidade de visualizações do que à disseminação de suas unidades de propagação – aqui, minoritárias). Proponentes de movimentos digitais aparentam priorizar questões de cunho social na difusão desses eventos. Idealmente, almejam que não ocorra fragmentação quanto aos propósitos que buscam transmitir através das unidades de propagação que produzem. Porém, fragmentações parecem ser algo frequente na *Web*. Assim, um movimento digital pode vir a desenvolver uma dinâmica propagatória de fenômeno memético.

2. A PROPAGAÇÃO DO “#IN BRAZILIAN PORTUGUESE”: ASPECTOS DE IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE

De acordo com o site *Youpix.com*, especializado nos eventos da memesfera, o fenômeno “#In Brazilian Portuguese” é só mais um dos diversos eventos digitais bilíngues (Português-Ingês) propagados na *Web*. Os responsáveis pelo referido sítio acrescentam que, nessa mesma linha, já houve um evento reconhecido como “Nível de Inglês”. Afirmam, ainda, que o “#In Brazilian Portuguese” pode ter se originado na rede social *Tumblr.com*; porém, sua maior difusão foi impulsionada no âmbito do *Twitter.com*. Pela figura 1, vemos a quantidade de menções da expressão memética “#In Brazilian Portuguese” nesta última rede social:

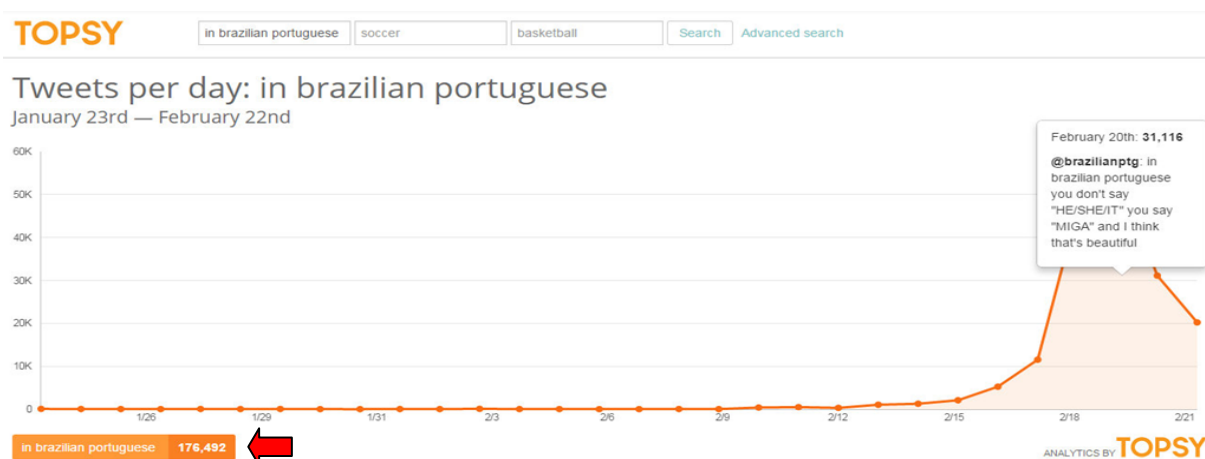


Figura 1: Volume de menções da expressão “#In Brazilian Portuguese”, no *Twitter.com*. Disponível em: < <http://topsy.com/s?q=in%20brazilian%20portuguese> > .Acesso em: 22 fev.2015.

2.1 “#In Brazilian Portuguese”: breve análise composicional dos memes da Internet

As unidades de propagação que fazem um evento digital emergir na *Web* podem ser diversas. O fenômeno “#In Brazilian Portuguese” parece ter tido seu memplexo de práticas linguístico-midiáticas – *memplexo linguístico-midiático*, de acordo com Souza Júnior (2015a) – encapsulado e difundido através da *expressão memética* e do *perfil memético*, enquanto unidades de propagação. Vejamos um exemplo dessas unidades pela figura 2:



Figura 2: Expressão (A) e Perfil (B) meméticos, respectivamente, como unidades de propagação do evento digital “#In Brazilian Portuguese”. Disponível em: < <http://topsy.com/s?q=in%20brazilian%20portuguese> > . Acesso em: 22 fev.2015.

Propagado majoritariamente através de uma expressão memética, o fenômeno “#In Brazilian Portuguese” pode ter essa expressão tomada como *uma unidade de análise* pelo

pesquisador. Assim sendo, com base nas concepções que fundamentam o trabalho de Souza Júnior (2015a), ao contrário do que a imprensa¹ geralmente menciona, o meme não é a expressão “In Brazilian Portuguese [ITEM ANIMADO] don’t say ‘[ITEM X: QUE SERÁ JUSTAPOSTO OU CONFRONTADO COM O ITEM Y]’ you say ‘[ITEM Y: QUE COMPLEMENTA OU SE OPÕE AO ITEM X]’ and i think that’s beautiful.” Essa expressão toda é uma *unidade de propagação*. Relacionemos a descrição dada com os textos da figura 3:



Figura 3: Expressão memética revelando seu modo de composição, respectivamente, justapondo e confrontando dois itens. Disponível em < <http://topsy.com/s?q=in%20brazilian%20portuguese>>. Acesso em: 07 mar.2015.

De acordo com os pressupostos da *abordagem integradora* de Souza Júnior (2015a), os verdadeiros memes são as formas de construir e os modos de indicar propósito que os internautas transmitem pela expressão criada e que passa a ser configurada como unidade de propagação. Esses dois tipos de modos nos levam a entender que os itens em foco não têm uma única forma de construção como meme. Na propagação do fenômeno analisado aqui, uma forma digital de “dialogia” (BAKHTIN, 1997) figura como prática de construção ou produção linguístico-midiática primária (um internauta digita letras no teclado e forma uma expressão linguística que lhe foi passada e ganha destaque, se difundido de tela em tela, a expressão segue adiante, através de mecanismos de destaque, frequência de menção e visualização, comuns nas redes sociais). Entretanto, no contexto do fenômeno analisado, focando-se os itens X e Y supracitados, nada impede que surjam outros padrões de práticas de produção ou distribuição linguísticas, tais como o de *intertextualidade*, *metáfora*, *metonímia*, *paráfrase*, *antítese*, *nominalização* e o de *apagamento* de partes dessa expressão focada.

A dialogia também pode perder lugar para a “ressignificação” (FAIRCLOUGH, 2001) como prática de produção de linguagem. Isso fará com que se perceba a estrutura da expressão memética intacta, contudo, o propósito desta construção pode estar sendo modificado. Tal modificação deve ser identificada em diversos níveis e através de investigação situada na dimensão externa de propagação do evento em questão.

2.2. A dimensão externa de propagação do “#In Brazilian Portuguese”: alguns aspectos de análise

Quando muitas pessoas aderem à disseminação de determinada unidade de propagação e, se isso ocorre em quantidade expressiva, como já vimos, surge na *Web* um novo fenômeno memético – a dimensão externa de propagação dos memes da Internet. Esses fenômenos podem permanecer dentro ou fora da Rede.

As expressões, enquanto unidades de propagação que carregam memes da Internet e os difundem, nos permitem, pelos pressupostos da *abordagem integradora*, analisar como relações são construídas com essas unidades sendo direcionadas a elementos animados (pessoas em suas condições de vida e seus diversos papéis sociais) ou inanimados (instituições, produções intelectuais/objetos, ou fenômenos naturais/ semióticos). Vejamos, pela figura 4, um dos padrões de relações criado através do “#In Brazilian Portuguese”, evidenciando-se seu “alcance linguístico” (SOUZA JÚNIOR, 2015a) – “they”, em mensagem bilíngue, o povo brasileiro como elemento animado –, bem como seu “alcance midiático *global*” (RECUERO, 2006; SOUZA JÚNIOR, 2015a):

¹ <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/perfil-oficial-de-house-of-cards-no-twitter-entra-na-onda-de-meme-brasileiro-15378384>



Figura 4: Perfil oficial da série de TV americana *House of Cards* representando alcance linguístico e midiático da expressão memética. Disponível em: <<https://twitter.com/HouseofCards>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

Como Souza Júnior (2015a) argumenta, do ponto de vista da linguagem, toda unidade de propagação em análise revela uma maneira de ser construída (forma) e modo(s) de funcionar – i.e. *funcionalidade(s)* – com um propósito a indicar. Os propósitos aos quais essas formas de construção aparecem subordinadas (ocorrendo tal subordinação tanto para formas de construção linguísticas quanto para as midiáticas) podem ser mais bem explorados, conforme sugerimos, a partir dos sistemas de análise da Linguística Sistemico-funcional (HALLIDAY, 1987; KRESS; VAN LEEUWEN, 2000; MARTIN; WHITE, 2001; SOUZA JÚNIOR, 2015a) e, se necessário, podemos, também, investigá-los quanto à sua distribuição e frequência. Pela figura 5, observamos alguns padrões dos propósitos indicados pela expressão memética em questão:



Figura 5: Usos da expressão memética indicando relações construídas com propósitos de polaridade positiva (A: elogio) e negativa (B: depreciação). Disponível em: <<http://topsy.com/s?q=in%20brazilian%20portuguese>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

Ainda com relação à investigação de distribuição e frequência de ocorrência, a Linguística de *Corpus* (BERBER-SARDINHA, 2004; SHEPHERD, 2009; SOUZA JÚNIOR, 2012, 2013a, 2013b, 2015a) – a nosso ver, como instrumental metodológico – pode ser de muita valia na análise de grandes *corpora* digitais de expressões meméticas. Por outro lado, para investigar a propagação de imagens meméticas, baseando-se em Kress e van Leeuwen (2000), Souza Júnior (2015a) menciona uma abordagem híbrida (quantitativa e qualitativa) denominada *Análise Propagatória*. Por ela, os padrões de estruturação (sintaxe visual) das imagens e de suas proposições multimodais (sentidos que texto e/ou representações imagéticas disseminadas produzem) são mapeados, verificando-se qual deles é o mais frequente no bojo de propagação de um evento digital, bem como as razões para que haja um padrão com mais frequência do que outro(s).

A Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; SOUZA JÚNIOR, 2013a; no prelo, 2015b) também oferece instrumental interpretativo amplo para abordar a propagação de fenômenos como o que está em questão. Podemos, desse modo, como coloca o autor (no prelo, 2015b), enxergá-los como verdadeiros “eventos sociais” (FAIRCLOUGH, 2003) permeados pela “hibridização” (CANCLINI, 1997). Procuramos identificar se, mesmo ocorrendo *online*, há ou não disputas de determinada sorte – como ilustrado na figura 6, a seguir –, e como segmentos da sociedade participam desses eventos; seus papéis, semioses ou práticas linguístico-midiáticas construídas, para que ajam através da junção desses modos de produção semióticos pós-modernos cada vez mais atrelados às sociedades contemporâneas.



Figura 6: Uso da expressão memética condenando o discurso homofóbico, mas com apagamento parcial da parte da expressão que corroboraria tal posicionamento. Disponível em: <<http://topsy.com/s?q=in%20brazilian%20portuguese>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

Ademais, conforme Souza Júnior (2015a) sugere, os eventos digitais podem servir, ainda, como elementos de contextualização, para atender a propósitos educacionais (o evento em questão, por ter sido propagado de forma bilíngue, pode ser abordado no ensino de Inglês, por exemplo, obedecendo-se às necessidades de ensino específicas de cada cenário educacional). Em 2014, o vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) já se apropriou de temáticas envolvendo a propagação de eventos digitais como, por exemplo, o movimento digital chamado de *rolezinho*², para elaborar questões de prova.

Por fim, mais uma opção de abordagem observada em Souza Júnior (2015a), a qual vem se configurando como algo cada vez mais frequente, é a possibilidade de a disseminação dos fenômenos meméticos da Internet fundamentar ações (e pesquisas, conseqüentemente) mais amplas na área de Propaganda e *Marketing* – grosso modo, dando margem para o que se chama de *Marketing Viral*³:

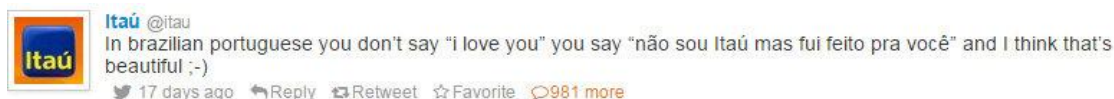


Figura 7: Marketing viral implantando-se na propagação de um fenômeno memético. Disponível em: <<http://topsy.com/s?q=in%20brazilian%20portuguese>> Acesso em: 07 mar. 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos oferecer algumas sugestões teórico-metodológicas a pesquisadores ligados aos estudos da linguagem. No entanto, tais sugestões não devem ser restritas a tais profissionais. Procuramos, então, possibilitar que os mesmos identifiquem e investiguem a propagação de eventos digitais que, frequentemente, têm ganhado a *Web*. Desta forma, como Souza Júnior (2015a) sugere, surgem oportunidades para que esses eventos tornem-se passíveis de serem abordados tanto de uma *perspectiva receptiva* (entendendo como as propagações se formam; que tipos existem; que relações criam) quanto de uma *perspectiva produtiva* (promovendo-se propagações, como ilustrado com a estratégia de *Marketing Viral*, e na abordagem dos fenômenos para contextualização nos espaços educacionais). Assim sendo, buscamos demonstrar, brevemente, como essas sugestões podem fundamentar a identificação, investigação e a eventual apropriação dos mecanismos de disseminação do processo de propagação de eventos digitais.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BERBER-SARDINHA, Tony. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole, 2004.
- BLACKMORE, Susan. **The meme machine**. Oxford University Press, 1999.
- BLACKMORE, Susan. **A evolução das máquinas de memes**. Trabalho apresentado no International Congress on Ontopsychology and Memetics, Milão, 2002. Disponível em: <<http://www.susanblackmore.co.uk/Conferences/OntopsychPort.htm>>. Acesso em: 08 mar. 2015.
- CANCLINI, Nestor. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- DAWKINS, Richard. **The selfish gene**. Oxford University Press, 1979.
- DAWKINS, Richard. **The extended phenotype**. Oxford University Press, 1982.

² <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/1-prova-do-vestibular-da-uerj-teve-744-de-faltosos-12760750>

³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Marketing_viral.

- DENNETT, Daniel. C. **Darwin's dangerous idea**: evolution and meaning of life. The Penguin Press, 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analyzing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- HALLIDAY, Michael. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1987.
- KRESS, Gunther; van LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. Routledge, London. 2000.
- LEAL-TOLEDO, Gustavo. Uma crítica à memética de Susan Blackmore. **Revista de Filosofia Aurora**. Curitiba, v. 25, n. 36, p. 179-195, jan./jun. 2013.
- MARTIN, James. R.; WHITE, Peter. R. R. **The language of evaluation – appraisal in English**. New York: Palgrave, Macmillan, 2005.
- PALÁCIOS, Marcos. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. **Revista PJ:BR Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, 4ª ed., jul/dez, 2004. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 24 mai. 2015.
- RECUERO, Raquel. da C. Memes em *weblogs*: proposta de uma taxinomia. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 16, 2006, Bauru, SP. **Anais**. Bauru: [s.n.], 2006.
- SALAVERRÍA, Ramón. Post convergencia de médios. **Revista Latinoamericana de Comunicación Chasqui**, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/160/16008105.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2015.
- SHEPHERD, Tânia M. G. O estatuto da linguística de corpus: metodologia ou área da Linguística? **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009.
- SOUZA JÚNIOR, Jaime de. Memes da Internet, referenciação e sua produtividade funcional. In: FÓRUM DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DA Uerj, 11., 2012, Rio de Janeiro, RJ. **Anais**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2012.
- SOUZA JÚNIOR, Jaime de. Memes da Internet e a produtividade funcional: um argumento sistêmico-funcional e crítico-discursivo para a propagação dos fenômenos. **Texto Livre**, v. 6, p. 106-124, 2013a.
- SOUZA JÚNIOR, Jaime de. Mensalão é mensallão? Um estudo crítico-discursivo sobre neologismo, expressividade e ideologia via corpora digitais. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 1-29, 2013b.
- SOUZA JÚNIOR, Jaime de. **Memes Pluralistas**: explorando mídias sociais, propagações digitais, linguagem, marketing e ensino. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas (NEA), 2015a.
- SOUZA JÚNIOR, Jaime de. Eleições brasileiras de 2014, *selfies* e a criminalização de sua propagação via eventos digitais: um estudo crítico-discursivo. **Domínios de Lingu@Gem**, (no prelo, 2015b).
- TOPSY. Disponível em: <<http://topsy.com/>>. Acesso em: 08 mar. 2015.
- TYLER, Tim. **On memetics**. Disponível em: <<http://on-memetics.blogspot.com.br/2013/07/internalism-externalism-informationalism.html>>. Acesso em: 02 ago. 2013.
- TYLER, Tim. **Memetics**: memes and the science of cultural evolution. Mersenne Publishing, 2011.
- WIKIPEDIA. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/>>. Acesso em: 08 mar. 2015.
- YOUPIX. Disponível em: <<http://youpix.com.br/>>. Acesso em: 08 mar. 2015.